

Quixote gaúcho realça o épico com plasticidade

Montagem para jovens, a cargo da Rococó Produções, de Porto Alegre, chega ao Festival de Pindamonhangaba em adaptação vistosa, corajosa e inusitada

Por Dib Carneiro Neto

O FESTE 2023 – programação infantil – começou com força, talento e pura energia. Vindos de Porto Alegre, os guris da Rococó Produções deram um banho de vitalidade e virilidade em cena, com Dom Quixote- O Cavaleiro Trapalhão. O espetáculo – apoiado na obra genial de Miguel de Cervantes – nasceu online, na pandemia, naquela febre inevitável de peças-filmes. Ao passar para o presencial, tem viajado o País – já passou por dez Estados. Eu mesmo o vi uma vez online e duas presencialmente. É uma peça de muitas camadas e linguagens, por isso é rico revê-la e descobrir aspectos novos a cada vez.

Como nasceu no período mais desastroso da história recente do Brasil, toda essa época aparece refletida em cena. Menções às muitas barbáries e aos descabros cometidos pelo tal capitão de meia tigela. Dedos em forma de arma, o uso “patriota” da nossa bandeira, as fakes News, o rosa-e-azul, a facada...

A despeito do Estado conservador extremado em que vive, e talvez por isso mesmo, a companhia gaúcha soube corajosamente alinhavar tudo isso à clássica trama do Quixote sonhador, cavaleiro andante de triste figura. Quando vi pela primeira vez, estava mais latente essa dor no peito por tudo de errado que o País teve de engolir pelas articulações da extrema direita. Hoje, vi todas essas referências doloridas com mais distanciamento e, portanto, mais próximo de entendê-las como registro necessário de uma trágica época. Muitas dessas passagens surgem na forma quase velada de Easter eggs, conforme os guris nos explicam. E isso cai no gosto imediato da plateia de jovens. São “recados”, por assim dizer, escamoteados dentro do espetáculo, na forma de um foco de luz, uma projeção, um adereço, um trecho de música. São surpresas que ajudam a contar a história. Mas imperceptíveis para quem não é familiarizado com essa linguagem. Os adolescentes o são.

A Rococó me foi descortinada, anos atrás, como uma companhia craque em teatro narrativo, a tal da “contação” de histórias. São afinados nessa arte.

Que vozes potentes dos atores Henrique Gonçalves e Guilherme Ferrera. Em Quixote, esse talento vocal foi aliado à expressão corporal – como eles dançam bem o flamenco, por exemplo. Há muitos trechos coreografados, em que corpo e fala se integram em feliz harmonia plástica.

As escolhas da companhia na adaptação do livro de Cervantes deixaram de lado ou, melhor dizendo, diminuíram o peso de personagens fundamentais da obra, como Sancho Pança e Dulcinéia. Eles aparecem, mas com menos força do que ambos têm no volumoso romance espanhol – e talvez caricaturizados demais. Por outro lado, essa versão deixou mais claro o que muitas e muitas adaptações teatrais nunca revelam: o lado machista e armamentista de Quixote. Sim, um homem altruísta que amava os livros – mas livros de cavalaria, de guerra. Daí a aproximação dele com a história recente do governante alucinado que queria liberar o porte de armas no Brasil.

Outra característica dessa versão dos gaúchos da Rococó também tem tudo a ver com a escolha pela narrativa épica de que eles tanto gostam: a primeira metade da peça conta como era o homem Quixote antes de “enlouquecer”, ou seja, antes de sair em viagem pensando ser cavaleiro andante. O texto, nessa hora, diz que “o cérebro de Quixote secou”. Achei curioso, porque sempre associei o personagem à festa da imaginação desbragada e sem limites. Para mim, seu cérebro não seca, floresce.

Essa primeira parte, assim toda narrada, às vezes quase cantada, está sempre recheada de muito texto e de detalhes descritivos em profusão. São as escolhas de cada encenador (Guilherme Ferrêra, no papel principal, assina a direção). Claro, recursos do gênero épico ajudam a fazer quebras importantes no ritmo, romper a quarta parede – e isso os Rococós também demonstram saber fazer bem. Várias vezes param tudo para “comentar” a cena. Funciona? Sim, os adolescentes de Pindamonhangaba fizeram o silêncio que a peça merecia e, em seguida, participaram ativamente do debate com o grupo, fazendo perguntas incríveis. É o teatro em sua melhor forma. Vivo, polêmico, atual, bem-acabado (figurino e design de luz jogam bastante a favor da montagem, como, afinal, se espera que aconteça sempre). Enfim, teatro necessário. Teatro que faz pensar.